

Considerações sobre o preço dos combustíveis

- O preço dos combustíveis na bomba depende, basicamente, de três fatores:
 - Preço exercido pela Petrobras nas refinarias
 - Tributos federais (PIS/Pasep, Cofins e Cide) e estadual (ICMS)
 - Custo de distribuição e revenda, além do custo do etanol anidro na gasolina.
- A política de precificação da Petrobras segue a variação de preços no mercado internacional. De fato, após o choque inicial nos primeiros meses de 2020, o preço do barril de petróleo, tanto o Brent, quanto o WTI, apresentaram evolução substancial dos preços;
- Outro fator que inflaciona os preços ao consumidor final é a desvalorização cambial. Diante de instabilidades político-econômicas, além dos choques de oferta ocasionados pela pandemia, o valor do dólar situa-se acima dos R\$5,00 em todos os meses de 2021;
- Destaca-se que essa alta dos combustíveis causa impactos adversos em todos os agentes econômicos, à cadeia produtiva e, principalmente, às famílias.
 - Segundo o IBGE, o grupo de transportes, na qual o item ‘combustíveis’ possui maior relevância, despontou como o de maior peso no orçamento familiar em agosto, respondendo por 20,88% da inflação oficial brasileira;
 - Em 2021, os brasileiros viram um avanço de 40,75% nos preços do Etanol, de 31,09% na Gasolina e 28,02% no Óleo Diesel;
 - Esse impacto causa uma deterioração do poder de compra das famílias, comprometendo cada vez mais uma parcela maior do seu orçamento, ampliando os desafios nesse momento tão delicado;
 - Outro impacto relevante se dá na cadeia produtiva: em resposta aos sucessivos aumentos dos preços dos combustíveis, transportadores já solicitam reajustes de 5% a 10% em suas prestações de serviços de entrega. O Índice Nacional do Custo de Transporte de Carga (INCT), um indicador de inflação específico do setor, acumula alta que varia de 12,33% a 14,03%, a depender da distância de percorrida. No acumulado em 12 meses, o índice passa de 20%. Isso tende a

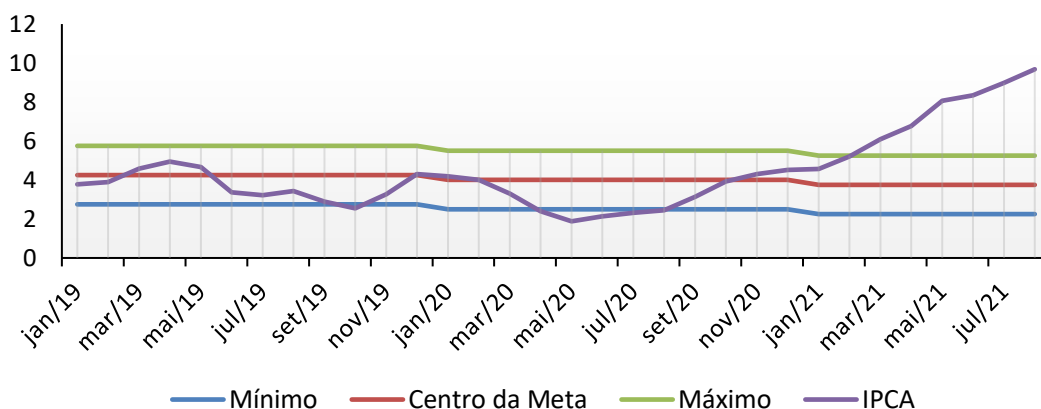
pressionar a matriz de custos dos varejistas e atacadistas, podendo chegar a um repasse ao preço final e, conseqüentemente, ao bolso do consumidor;

- A respeito da tributação, o ICMS tem peso relevante sobre o valor na bomba. A alíquota varia entre os estados: no caso da gasolina, em Minas Gerais a alíquota é a segunda maior do país, de 31%, atrás apenas do Rio de Janeiro (34%) e empatada com Piauí (31%). Para o etanol, a alíquota é de 16%, ao passo que, do óleo diesel, é de 15%.
- Existe a retórica de que as alíquotas não subiram, o que de fato ocorre. Mas o valor pago pelos consumidores sim, o que, em suma, implica em um imposto pago mais alto, visto que sua base de cálculo aumenta. Isso porque o imposto é cobrado em cima de uma estimativa de preço médio pago pelos consumidores (PMPF). Desta forma, se o preço sobe na bomba, os governos estaduais podem subir a estimativa de preço médio sobre o qual o ICMS incide. Em MG, o PMPF para a gasolina é de R\$6,25, segundo a Fecombustíveis e R\$6,14, segundo a Agência Nacional do Petróleo (ANP) – o sexto maior do país; para o etanol é de R\$4,53; e para o óleo diesel é de R\$4,65.
- Destaca-se, porém, que em 2020 a projeção de receita do Estado se deu com um valor para os combustíveis em menor patamar. Logo, automaticamente, a projeção da receita considerava uma base com menor valor. Os sucessivos aumentos percebidos ao longo de 2021 acabaram por elevar essa receita, frente àquela projetada;
- Desta forma, uma possível solução para os impactos negativos que o atual patamar de preços dos combustíveis representa, tanto para as famílias como para a cadeia produtiva, seria uma eventual redução da alíquota do ICMS na proporção do diferencial entre a receita projetada no orçamento do último ano e aquela observada durante 2021.

Peso dos combustíveis na inflação e reflexos na cadeia produtiva

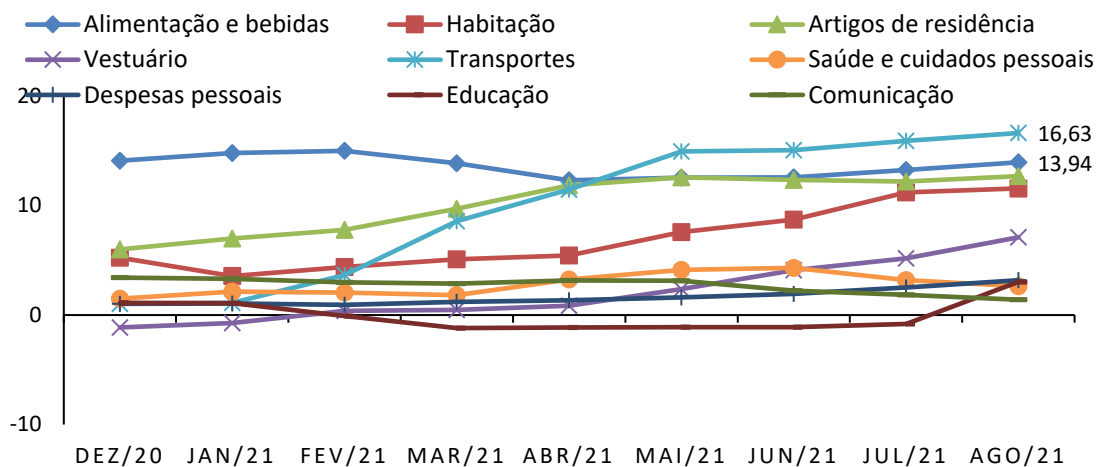
A escalada de preços na economia vem surpreendendo de forma negativa os agentes do mercado. O IPCA, índice oficial de inflação do Brasil, calculado e divulgado mensalmente pelo IBGE, se aproxima dos dois dígitos, exercendo uma deterioração do poder de compra das famílias. Longe do centro da meta estipulada pelo Conselho Monetário Nacional (linha laranja do gráfico abaixo), o índice acumula uma alta de 9,68% nos últimos 12 meses. A perspectiva é de que, a crise hídrica, a pressão cambial e o ambiente político adverso agravem o cenário, levando o IPCA para acima de 10%.

IPCA acumulado em 12 meses (linha amarela) e meta para inflação



Alimentação e transportes (com o peso dos combustíveis) foram os grupos que mais pesaram no IPCA, que, na variação anual, como podemos constatar no gráfico acima, já está muito acima do teto da meta estabelecida para 2021, de 5,25% (linha cinza). A gasolina e o etanol, por exemplo, já acumularam altas de 31,09% e 40,75%, respectivamente, de janeiro a agosto.

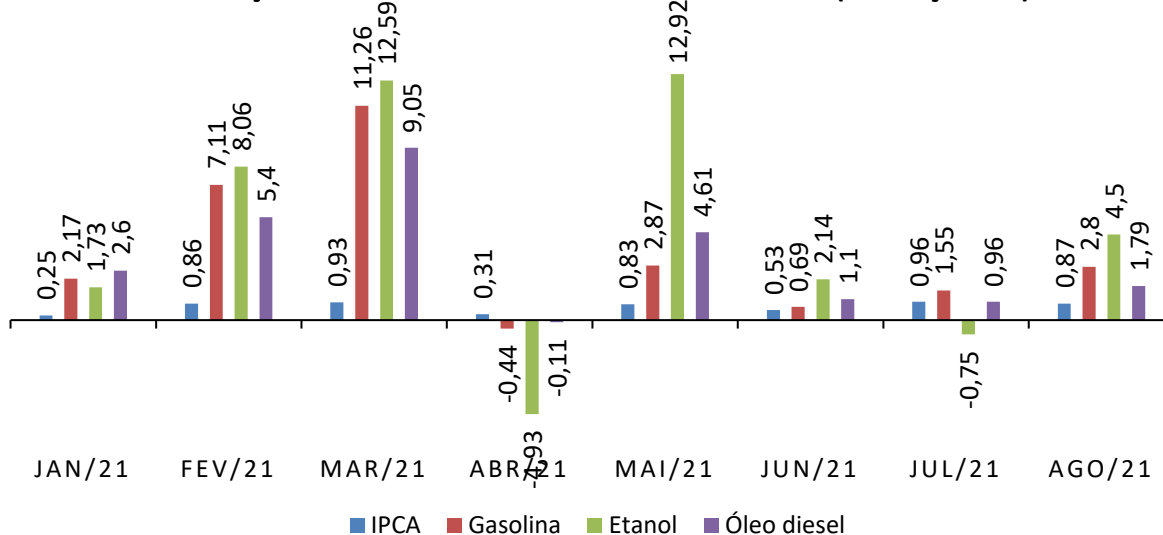
Inflação acumulada em 12 meses por grupo (%)



Como podemos ver, o grupo de transportes (linha azul clara) apresenta a maior variação de preços no acumulado em 12 meses, até agosto, chegando a 16,63%. Em segundo, o grupo de alimentação e bebidas varia 13,94%.

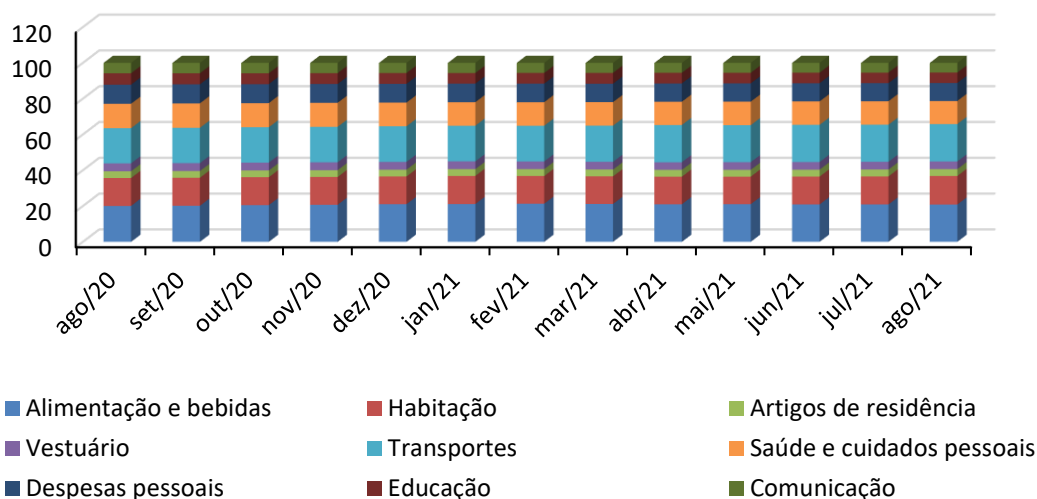
O grupo de transportes, segue pressionado pelos combustíveis – em especial, gasolina e etanol. Para ilustrar o impacto, **em oito meses, o preço da gasolina sofreu alta em sete deles**. Somente em abril houve queda no preço:

Inflação mensal e itens de combustíveis (variação %)



A volatilidade apresentada, tanto pela gasolina quanto pelo etanol, segue pressionando o grupo de combustíveis, levando a um aumento do índice geral. Desta forma, o grupo de transportes, do qual os combustíveis fazem parte, passou a responder pelo maior peso no índice de inflação oficial.

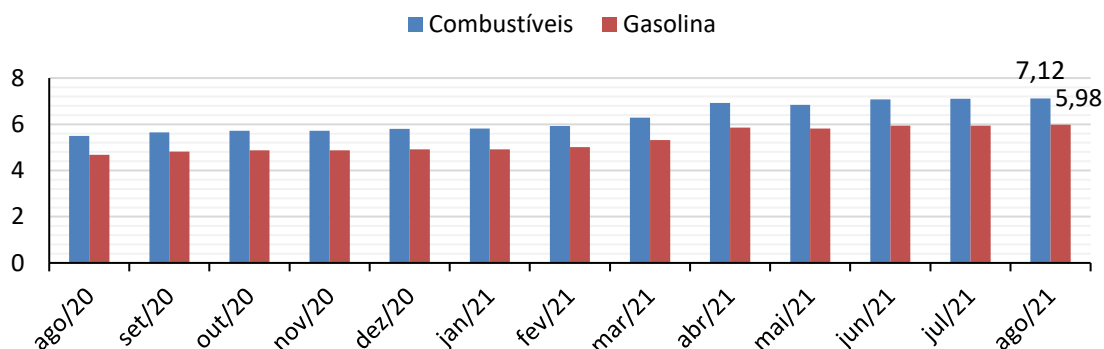
Peso por grupo na inflação oficial (%)



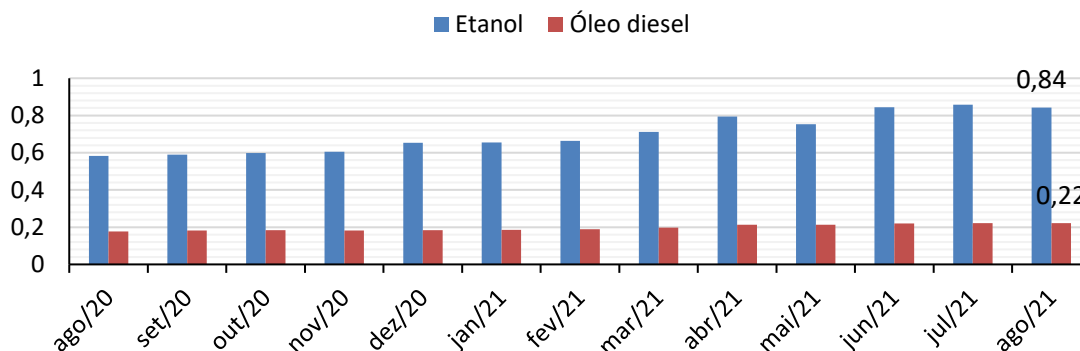
O peso do grupo de transportes no último mês observado é de 20,88%, ao passo que o segundo grupo de maior peso, o de alimentação e bebidas, responde por 20,82%. Em outras palavras, estes seguem como os maiores pesos no orçamento familiar.

Focando apenas nos três combustíveis pesquisados – gasolina, etanol e óleo diesel – vemos que a gasolina responde pela maior relevância no indicador oficial, seguida pelo etanol e pelo óleo diesel.

Peso dos itens componentes dos combustíveis (%)



Peso dos itens componentes dos combustíveis (%)

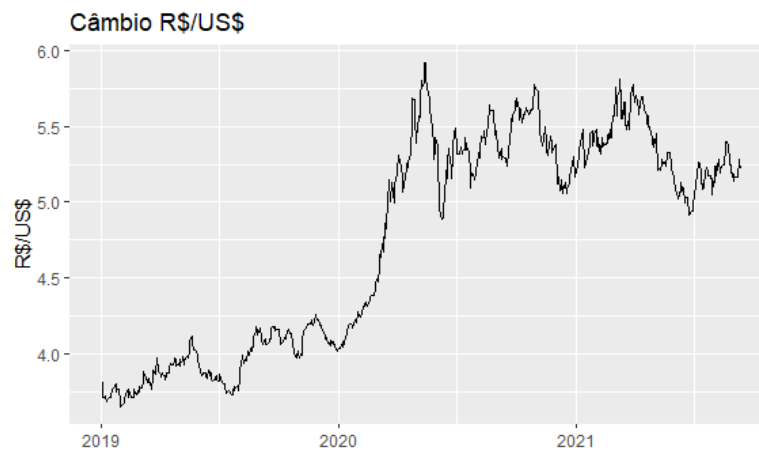


A gasolina responde por quase 6% de todo o aumento do nível de preços na economia (IPCA). Os brasileiros, em 2021, viram um avanço de 40,75% nos preços do Etanol, de 31,09% na Gasolina e 28,02% no Óleo Diesel.

Formação de preços dos combustíveis: o que explica o preço de hoje?

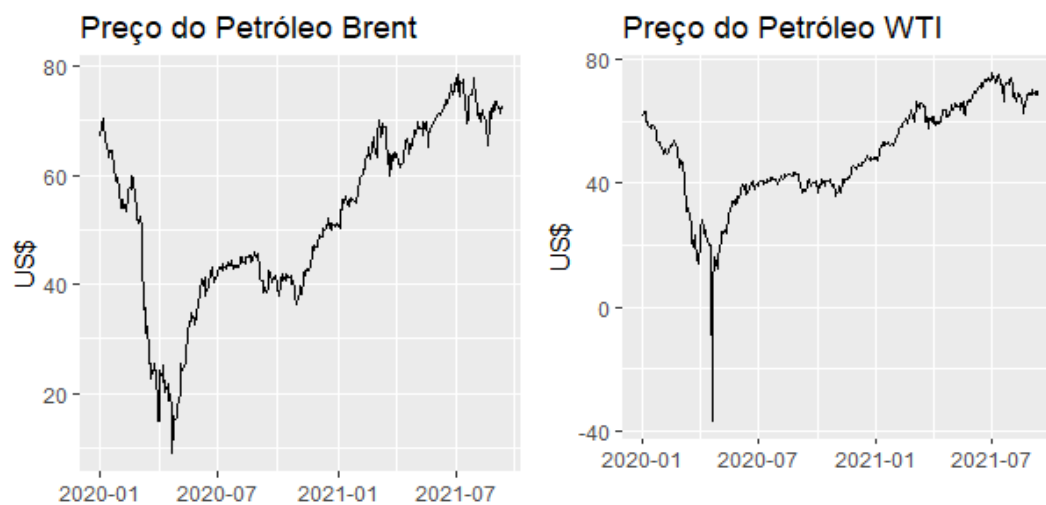
A formação do preço dos combustíveis é composta pelo preço exercido pela Petrobras nas refinarias, mais tributos federais (PIS/Pasep, Cofins e Cide) e estadual (ICMS), além do custo de distribuição e revenda. Há ainda o custo do etanol anidro na gasolina, e o diesel tem a incidência do biodiesel. As variações de todos esses itens são o que determina o quanto o combustível vai custar nas bombas.

Individualmente, o principal fator que vem motivando as altas da gasolina e do diesel é a desvalorização do real. Desde o início da pandemia, a variável situa-se acima de R\$5,00 o dólar, fator que pressiona o custo de produtos importados, bem como insumos utilizados no processo produtivo, resultando em um impacto na inflação (*pass-through* cambial).



Estudos Econômicos|Fecomércio MG

Outro fator relevante é que o valor do combustível também é influenciado pela recuperação da cotação do petróleo no mercado internacional. Depois do choque provocado pela pandemia de coronavírus (queda no gráfico abaixo, em meados de março), a gradativa recuperação da economia global resultou em um aumento na busca pela commodity, o que, consequentemente, puxou os preços para cima. Hoje o barril, tanto Brent quanto WTI, situam-se acima de 70 dólares.



Estudos Econômicos|Fecomércio MG

Resta lembrar que, no governo Temer, a Petrobras alterou a sua política de preços de combustíveis para seguir a paridade com o mercado internacional. Os preços de venda dos combustíveis praticados pela estatal passaram a seguir o valor do petróleo no mercado internacional e a variação cambial. Dessa

forma, uma cotação mais elevada da commodity e/ou uma desvalorização do real têm potencial para contribuir com uma alta de preços no Brasil, por exemplo.

O último fator a ser considerado é o ICMS. O imposto estadual tem peso relevante sobre o valor na bomba. A alíquota varia entre os estados: no caso da gasolina, chega a 30% em alguns locais – em Minas Gerais a alíquota é de 31%. Para o etanol, a alíquota em Minas é de 16%, ao passo que, do óleo diesel, é de 15%.

Vale destacar que as alíquotas não subiram, mas o valor pago pelos consumidores sim. Isso porque o imposto é cobrado em cima de uma estimativa de preço médio pago pelos consumidores (PMPF). Desta forma, se o preço sobe na bomba, os governos estaduais podem subir a estimativa de preço médio sobre o qual o ICMS incide. Em MG, o PMPF para a gasolina é de R\$6,25; para o etanol é de R\$4,53; e para o óleo diesel é de R\$4,65.

Impactos diretos e indiretos:

- **Maior pressão sobre o orçamento familiar:** visto que hoje, como vimos, o grupo de transportes representa maior parcela do indicador de inflação oficial, o IPCA, os aumentos dos preços dos combustíveis exigem maior parcela da renda doméstica. Esse fato diminui a renda disponível para consumo, gerando reflexos tanto para as famílias, quanto para a cadeia produtiva – em última instância, o arrefecimento da demanda familiar pode provocar uma queda nas vendas do varejo e uma redução da atividade econômica, gerando desemprego e, conseqüentemente, queda na renda;
- **Maior pressão nos custos logísticos:** em resposta aos sucessivos aumentos dos preços dos combustíveis, transportadores já solicitam reajustes de 5% a 10% em suas prestações de serviços de entrega¹. O Índice Nacional do Custo de Transporte de Carga (INCT), um indicador de inflação específico do setor, produzido pelo departamento de economia da NTC&Logística, o Decope, acumula alta que varia de 12,33% a 14,03%, a depender da distância de percorrida. No acumulado em 12 meses, o índice passa de 20% (21,01% para distancias muito curtas e 21,51%

¹ <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2021/09/16/combustivel-pressiona-frete-no-comercio.ghtml>
Acesso em 16/09/2021.

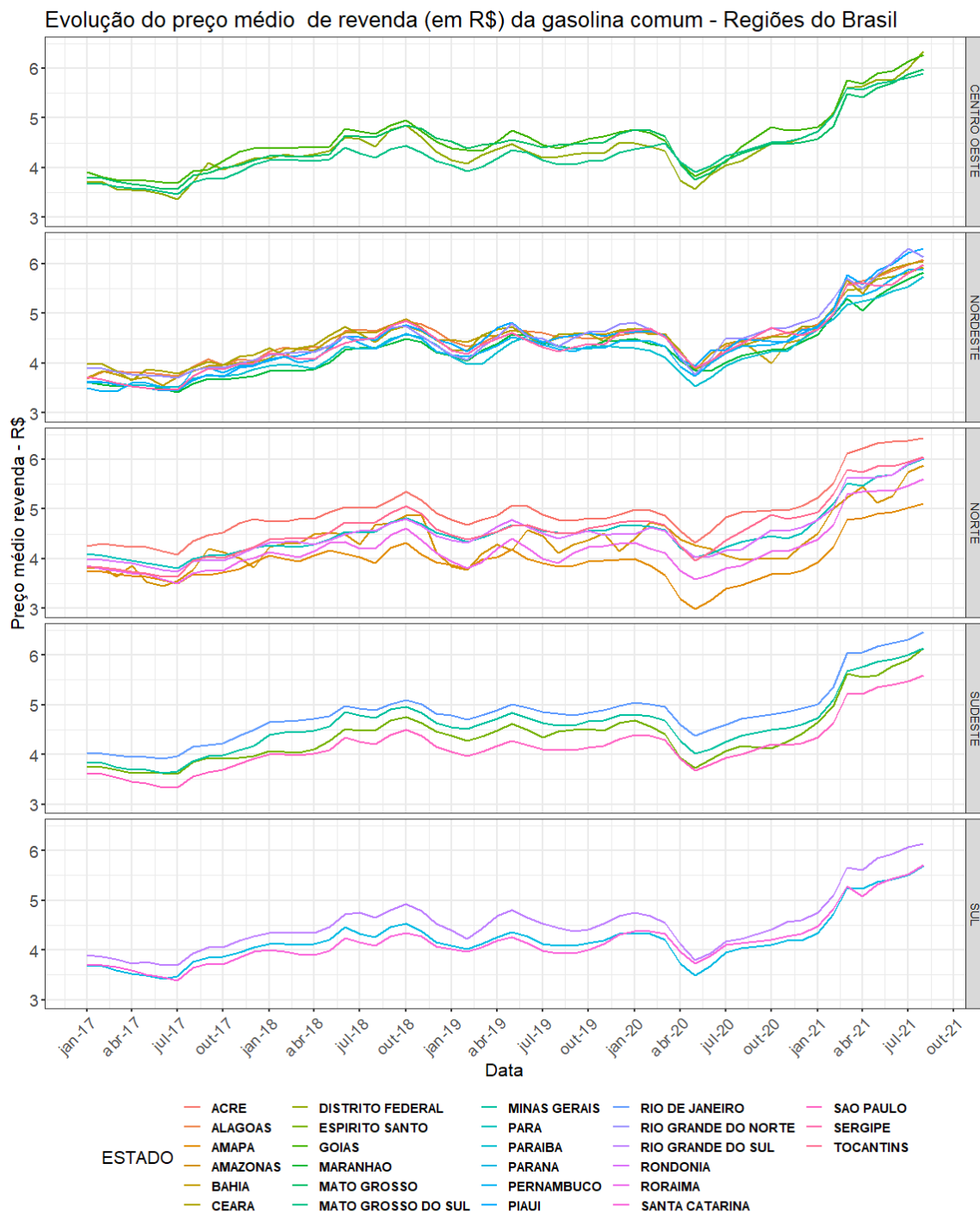
para muito longas). Isso tende a pressionar a matriz de custos dos varejistas e atacadistas, podendo chegar ao repasse ao preço final e, consequentemente, ao bolso do consumidor.

Análise do preço médio de revenda:

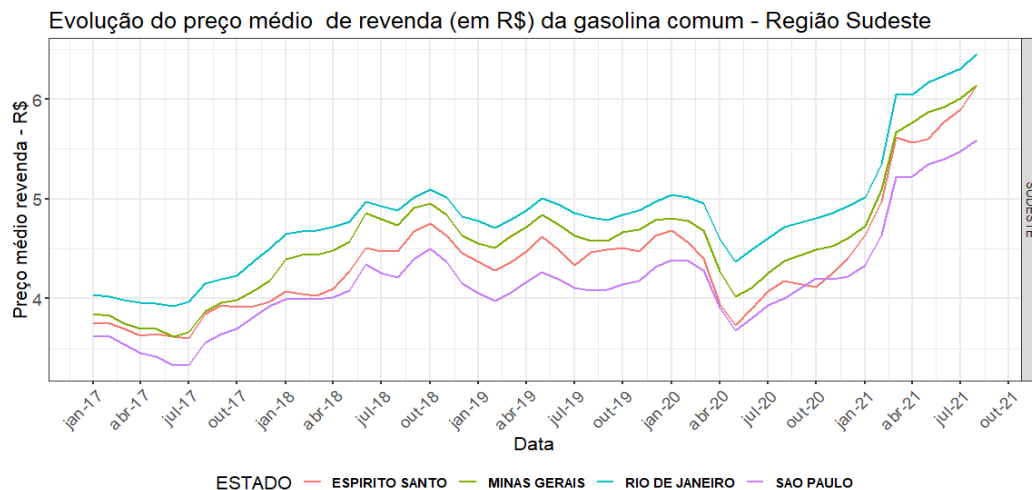
Vejamos o **preço médio de revenda da Gasolina Comum** nos estados, com dados da Agência Nacional do Petróleo, para agosto. **Minas Gerais se encontra na sexta posição entre os estados com valores mais altos para o combustível.**

ESTADO	Preço médio revenda	Preço mínimo revenda	Preço máximo revenda
Rio de Janeiro	6,454	5,799	7,059
Acre	6,431	6,170	7,130
Distrito Federal	6,346	5,889	6,991
Piauí	6,311	5,085	6,699
Goiás	6,274	5,419	6,799
Minas Gerais	6,139	5,769	6,999
Espírito Santo	6,138	5,799	6,520
Rio grande do Norte	6,135	5,920	6,590
Rio grande do Sul	6,132	5,655	7,219
Alagoas	6,076	5,770	6,799
Tocantins	6,056	5,610	6,890
Bahia	6,054	5,670	6,979
Rondônia	6,038	5,849	6,490
Para	6,009	5,490	6,699
Mato Grosso	5,980	5,629	6,537
Sergipe	5,979	5,689	6,789
Ceara	5,934	5,430	6,719
Pernambuco	5,899	5,590	6,599
Mato Grosso do Sul	5,897	5,569	6,479
Amazonas	5,873	5,759	6,340
Maranhão	5,833	5,489	6,199
Paraíba	5,741	5,379	6,229
Santa Catarina	5,716	5,239	6,199
Paraná	5,689	5,199	6,550
Roraima	5,606	5,450	5,720
Sao Paulo	5,590	4,599	6,799
Amapá	5,113	5,010	5,360

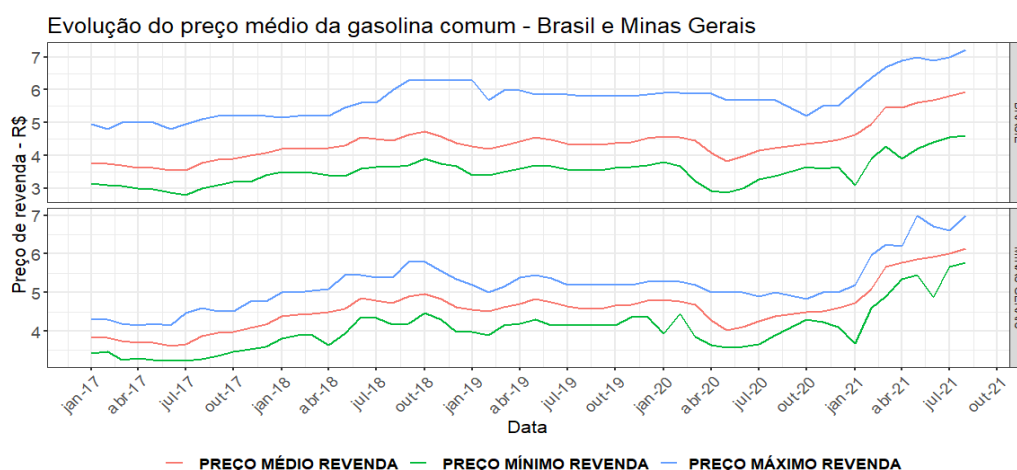
Avaliando a evolução do preço médio da gasolina ao longo do tempo para todas as regiões, temos um comportamento generalizado de crescimento, principalmente a partir de 2020:



Um zoom na região sudeste, nos permite perceber que o Rio de Janeiro apresenta o preço médio de revenda superior, seguido de Minas Gerais:



Tomando unicamente os preços para Minas Gerais, ao olhar para os dados históricos, desde 2017, não parece existir uma *mudança* muito alta nos preços médios ao longo do tempo, à exceção recente. O problema na revenda, em um primeiro olhar, parece residir no tamanho do intervalo dos preços, isto é, na diferença entre preços mínimos (linha cinza) e máximos (linha amarela).

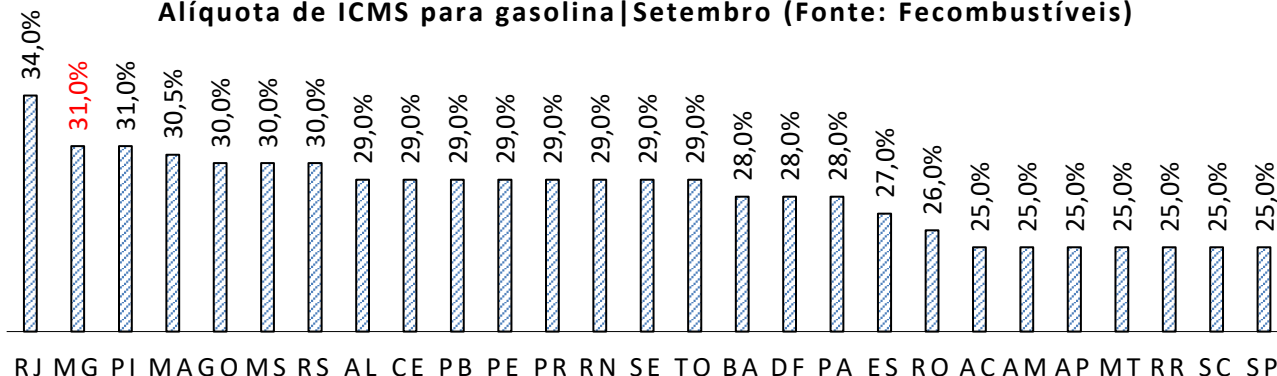


Conforme o gráfico, o preço máximo de revenda da gasolina no estado chegou a quase R\$7,00 para o dado mais recente disponível. O mínimo, por sua vez, situa-se próximo a R\$5,80.

Mas o que poderia explicar o fato de Minas ter uma das gasolinas mais caras do país?

Avaliando o ICMS, o estado fica atrás apenas do Rio de Janeiro, empatando com o Piauí na segunda posição:

Alíquota de ICMS para gasolina|Setembro (Fonte: Fecombustíveis)

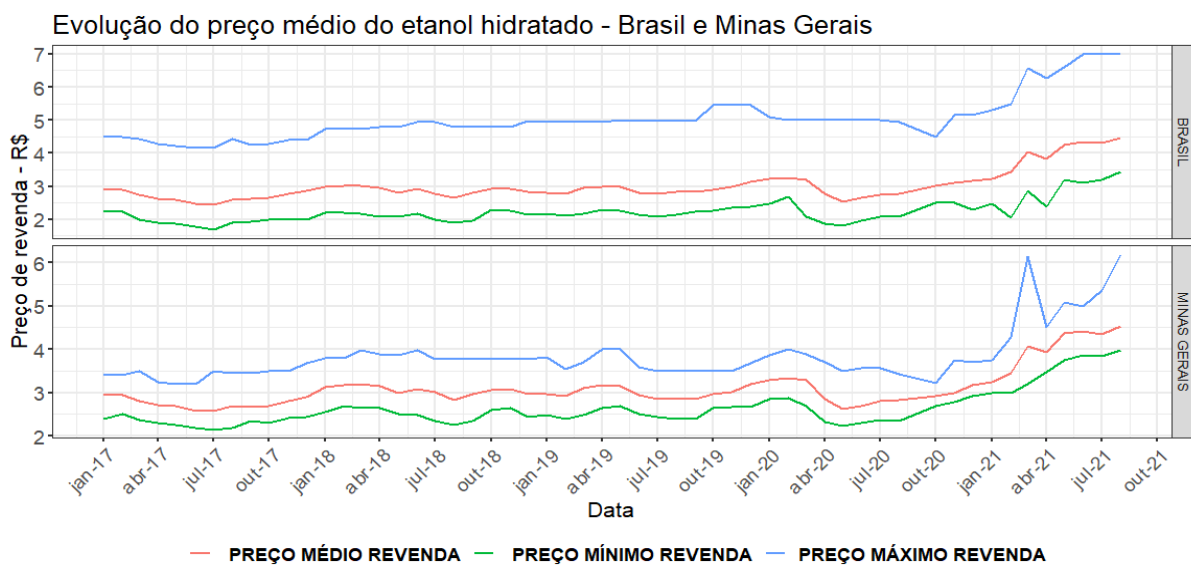


Para o caso do **etanol**, Minas apresenta o 3º preço médio mais **baixo**:

ESTADO	Preço médio revenda	Preço mínimo revenda	Preço máximo revenda
Rio grande do Sul	5,909	4,599	6,999
Amapá	5,587	5,540	5,680
Rio grande do Norte	5,532	5,190	5,899
Acre	5,517	5,180	6,430
Para	5,505	4,899	6,350
Sergipe	5,371	5,090	5,999
Rio de janeiro	5,369	4,498	6,799
Alagoas	5,361	4,950	5,990
Ceará	5,356	4,349	5,999
Distrito federal	5,293	4,998	5,729
Piauí	5,260	4,300	5,729
Espírito santo	5,213	4,699	5,999
Rondônia	5,207	4,799	5,990
Pernambuco	5,184	4,390	5,790
Tocantins	5,180	4,690	5,630
Santa Catarina	5,129	4,369	5,999
Maranhão	5,114	4,799	5,499
Paraíba	5,044	4,689	5,630
Roraima	5,037	4,990	5,100
Bahia	4,983	4,400	5,999

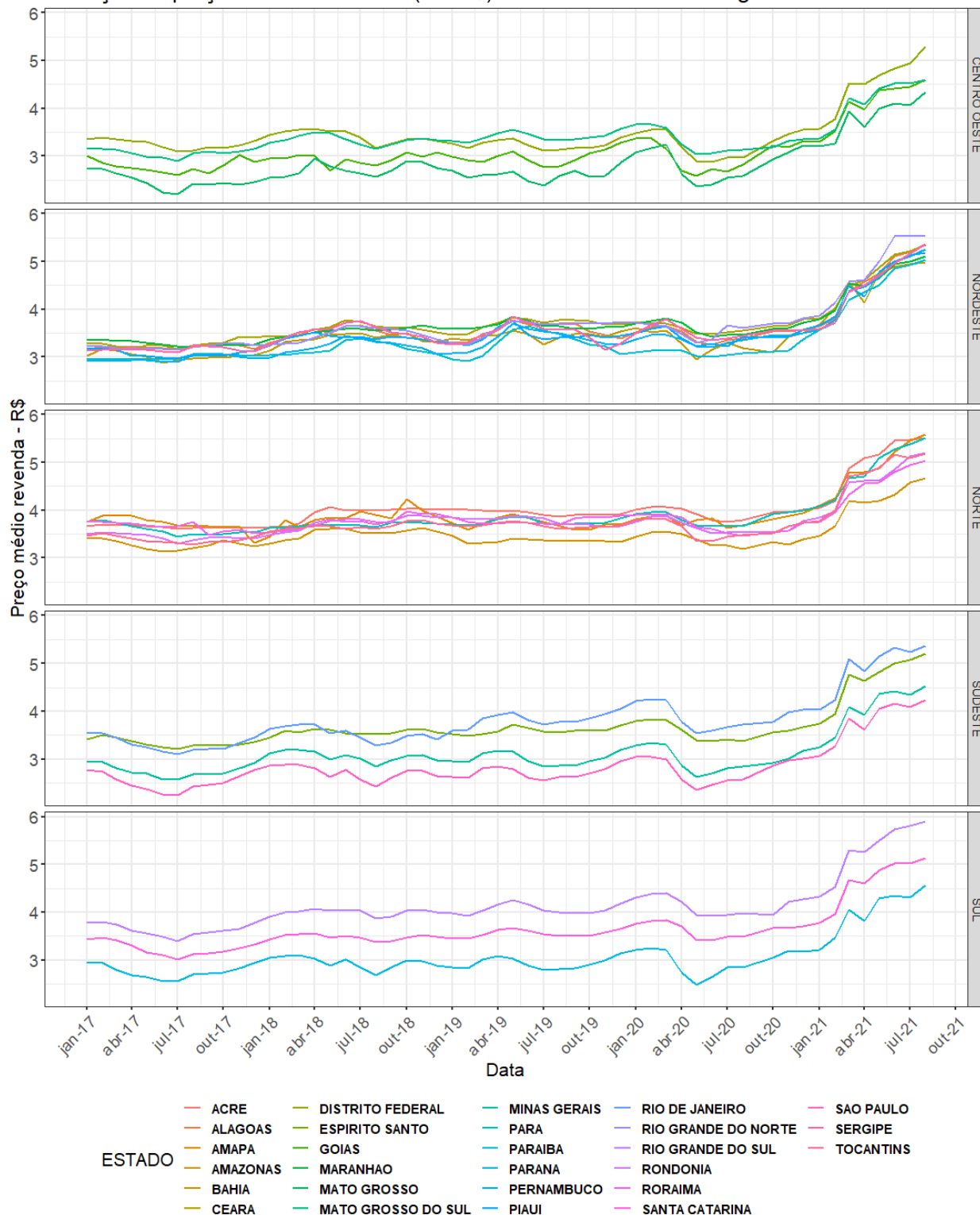
Amazonas	4,674	4,090	5,199
Mato grosso do Sul	4,601	4,199	5,250
Goiás	4,594	4,135	5,099
Paraná	4,574	3,999	5,690
Minas Gerais	4,528	3,989	6,199
Mato Grosso	4,334	3,849	4,889
Sao Paulo	4,239	3,449	5,799

O problema, uma vez mais, é quando consideramos o intervalo entre preço máximo e mínimo. Considerando o preço máximo, MG passa a quinta posição entre os mais caros.



De todo modo, para o caso do etanol, percebemos o mesmo comportamento de evolução generalizada nos preços praticados do país:

Evolução do preço médio de revenda (em R\$) do etanol hidratado - Regiões do Brasil



Por fim, quanto ao óleo diesel, o estado apresenta o 14º preço de revenda médio mais alto:

ESTADO	Preço médio revenda	Preço mínimo revenda	Preço máximo revenda
Acre	5,965	5,190	6,180
Mato grosso	4,946	4,299	6,249
Para	4,946	4,319	6,350
Rondônia	4,930	4,579	6,100
Alagoas	4,918	4,559	5,599
Piauí	4,857	4,599	5,340
Ceara	4,845	4,149	5,190
Roraima	4,813	4,720	4,890
Pernambuco	4,764	4,350	4,980
Sergipe	4,759	4,649	5,649
Rio grande do Norte	4,722	4,359	5,099
Goiás	4,699	4,420	4,990
Bahia	4,660	3,780	5,199
Minas Gerais	4,649	4,349	5,470
Distrito Federal	4,645	4,449	4,999
Amazonas	4,630	4,459	5,250
Amapá	4,611	4,510	4,890
Maranhão	4,602	4,419	4,899
Tocantins	4,598	4,259	4,860
Mato grosso do Sul	4,568	4,098	5,070
Rio de janeiro	4,559	4,199	5,990
Paraíba	4,544	4,389	4,949
Sao Paulo	4,542	4,009	5,599
Santa Catarina	4,540	4,159	5,169
Rio grande do Sul	4,494	4,066	5,996
Espírito santo	4,466	4,120	4,969
Paraná	4,361	4,099	4,799

Considerando apenas a região Sudeste, porém, MG possui o maior preço para o diesel, além de possuir a alíquota de ICMS mais alta da região (MG = 15%; ES = 12%; SP = 13,3%; RJ = 12%).

